

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n1.1179>

Resenha

KACZYNSKI, T. J. *Technological Slavery*. Vol. 1. Revised and expanded edition. Scottsdale: Fitch & Maddison, 2019.

Gabriel Garmendia da Trindade

Professor de Filosofia no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS, campus Ibirubá).

E-mail: garmendia_gabriel@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6770358458457650>

Quantas edições de uma mesma obra são necessárias para que a sua mensagem seja transmitida de modo claro e efetivo? Para alguns pensadores, uma edição é mais do que o suficiente. Para outros, o processo de revisão, reescrita e reedição de um determinado trabalho pode demandar décadas de contínua reflexão e paciente esforço, por vezes, até os últimos dias de suas vidas. Uma obra que retrata muito bem o segundo tipo de realidade é *Technological Slavery*, de autoria do matemático e primitivista norte-americano Theodore John Kaczynski (1942-2023), a qual recebeu uma nova edição revisada e ampliada (comumente referida como ‘terceira edição’), em 2019.

Para começar, destaca-se que essa terceira edição de *Technological Slavery* é a primeira a ser lançada pela editora Fitch & Madison. Foi por intermédio da editora em questão que Kaczynski conseguiu publicar *Technological Slavery* em um formato que, enfim, o deixou satisfeito. Antes disso, Kaczynski não teve grande controle durante a fase editorial das demais encarnações de seu livro. Deveras, o pensador norte-americano chegou a rejeitar abertamente a primeira edição de *Technological Slavery* – a qual foi originalmente organizada pela editora suíça Xenia, em 2008, sob o título *The Road to Revolution*. Conforme relata Kaczynski (2010), essa primeira tiragem da obra estava repleta de erros, muitos dos quais sendo responsabilidade da própria editora. Isso fez com que o autor propusesse a reedição e republicação urgente do manuscrito. A tarefa ficou a cargo da editora Feral House. Novamente, os resultados ficaram muito aquém do esperado. Poucas correções foram de fato executadas. As principais mudanças acabaram sendo meramente de ordem estética – o livro recebeu uma nova capa, título e subtítulo – as quais desagradaram Kaczynski profundamente. Em vista do tratamento editorial deplorável, negligente e

Datas:

Recebido: 08/05/2024

Aprovado: 09/07/2024

Publicado: 03/12/2024

sensacionalista dispensado às duas primeiras edições de sua obra, Kaczynski decidiu por preparar a revisão e reescrita de *Technological Slavery* em parceria com a editora Fitch & Madison. Desta vez, tantas e tamanhas foram as alterações realizadas que o manuscrito teve de ser dividido em dois volumes publicados separadamente.

A breve apresentação do conturbado histórico editorial de *Technological Slavery* desenvolvida acima teve duas finalidades: (A) realçar os motivos por detrás da revisão e ampliação do título sob escrutínio e (B) estabelecer o material de base a partir do qual essa terceira edição do manuscrito será analisada. Uma das possíveis maneiras de examinar uma nova versão de um texto é pensando-a à luz de suas encarnações anteriores. É segundo esse entendimento que a presente resenha foi construída. Em um primeiro momento, delinear-se-ão as quatro teses centrais defendidas por Kaczynski. Após isso, a terceira edição de *Technological Slavery* será avaliada por meio de uma análise comparativa dos conteúdos das edições que a antecederam – o que evidenciará por que essa nova versão do livro deve ser vista como um grande avanço e preferível às demais.

Embora *Technological Slavery* traga investigações pormenorizadas de numerosos assuntos – sobretudo nos campos da filosofia da tecnologia, filosofia ambiental e teoria social – todos os temas tratados estão diretamente relacionados a quatro grandes teses articuladas por Kaczynski. (I) O progresso tecnológico está conduzindo a civilização humana para o colapso total. Tal colapso é pensado por Kaczynski em termos amplos, podendo ser entendido tanto no sentido de devastação ambiental em níveis catastróficos quanto como a degradação sistemática da autonomia e dignidade humana. De acordo com Kaczynski, o progresso tecnológico é responsável por imenso sofrimento físico e psicológico, enorme desequilíbrio social, além de tornar a existência humana cada vez mais insatisfatória. (II) O colapso aludido só poderá ser evitado por meio do fim da civilização tecnológica moderna. Kaczynski sustenta que não há uma maneira de estimular o progresso tecnológico e preservar a dignidade humana e o planeta Terra. Em outras palavras, não é possível conter ou direcionar os avanços tecnológicos e resguardar a espécie humana e o meio ambiente de seus incontáveis males – o que o mundo necessita é de um movimento revolucionário antitecnológico. (III) A principal defesa da civilização moderna contra uma revolução antitecnológica são os proponentes da esquerda política. Conforme percebe Kaczynski, os indivíduos envolvidos nos chamados movimentos de justiça social – e.g., direitos das minorias, igualdade racial e de gênero, direitos dos animais etc. – têm um longo e problemático histórico de apropriação e deturpação de causas alheias a ponto de torná-las indefensáveis. Assim, para que possa ter alguma chance de sucesso, esse novo movimento revolucionário não pode ser desfigurado por ideologias distintas. (IV) O movimento em questão deve ter índole prática e ser organizado por pessoas sérias com um único objetivo em mente: a completa e total dissolução da civilização tecnológica.

Uma vez esboçadas as quatro teses centrais de *Technological Slavery*, vejamos agora como a encarnação mais recente da obra se distingue das anteriores. Começemos pela primeira edição. Além de seus copiosos erros, outro elemento que diferencia a primeira edição das demais é ser a única com um posfácio de autoria do médico francês Patrick Barriot – ‘Why

The World Needs Ted Kaczynski’ – cujo foco é a relação entre movimentos revolucionários e o uso de violência. Salvo por esses dois aspectos em particular, as duas primeiras edições do título são praticamente idênticas. No entanto, existem muitos pontos de convergência entre as três edições. Todas contêm uma versão completa e revisada de ‘Industrial Society and Its Future’ – a publicação mais conhecida de Kaczynski – a qual é acompanhada de um pós-escrito penejado pelo primitivista.¹ Todas incluem transcrições – excertos e extratos – de correspondências trocadas entre Kaczynski e outros indivíduos ao longo dos anos. Ressalta-se, todavia, que o conteúdo das cartas foi modificado de modo que os argumentos levantados por Kaczynski pudessem ser transmitidos com maior clareza nessa terceira edição. A disposição das cartas na nova versão do manuscrito também diverge das edições que a precederam. Por exemplo, nas duas primeiras edições, a carta enviada pelo pensador norte-americano à revista *Scientific American*, acerca das consequências físicas e sociais do progresso tecnológico, se encontrava próximo ao final do volume – agora ela está no início do livro, localizada imediatamente antes do texto de ‘Industrial Society and Its Future’, evidenciando tanto a relação direta entre as temáticas exploradas em ambos os escritos quanto a ordem cronológica em que foram originalmente produzidos.

Essas são algumas das semelhanças. Falemos agora das diferenças. As duas primeiras edições de *Technological Slavery* abrangem cerca de dez textos que não estão presentes na versão subsequente. Dentre as ausências mais notáveis, sobressaem-se: ‘Hit Where It Hurts’, ‘The Coming Revolution’, ‘The Road to Revolution’ e ‘Morality and Revolution’ – tratam-se de ensaios que lidam primariamente com questões relacionadas à criação do movimento revolucionário antitecnológico pleiteado por Kaczynski – e.g., como escolher os melhores alvos para as ações de integrantes da causa em pauta, as motivações humanas e os princípios que precisam ser observados pelos ativistas, além de outros temas de cunho tático e operacional. Outro escrito deixado de lado é ‘The Truth About Primitive Life: A Critique of Anarcho-primitivism’ – uma vasta e detalhada averiguação histórico-ideológica das limitações do chamado ‘anarcoprimitivismo’. Também é possível listar aqui, ‘A Revolutionary of Our Times’ – comentário preparado pelo filósofo norte-americano David Skrbina acerca de Kaczynski e seu pensamento – que serviu como posfácio da primeira edição e de Introdução da segunda, respectivamente. Salienta-se que Kaczynski não oferece uma explicação direta para a exclusão destes textos da nova edição. No entanto, o primitivista menciona, brevemente, no prefácio à versão revisada e ampliada que, neste primeiro volume de *Technological Slavery*, se encontram as suas ideias e argumentos mais relevantes. Tendo isso em vista, podemos especular que, talvez, ao menos alguns dos ensaios excluídos reapareçam no futuro segundo volume da obra.

Apesar da remoção dos textos pontuados acima, o primeiro volume da edição revisada e ampliada de *Technological Slavery* conta com um considerável conjunto de escritos inéditos. Uma adição digna de nota é a carta enviada por Kaczynski a Patrick Barriot sobre as diferentes motivações, assim como os princípios éticos – segundo o

1 Em 2014, ‘Industrial Society and Its Future’ recebeu uma excelente tradução para o Português Brasileiro publicada pela Editora Baraúna, a qual foi autorizada e contou com apoio direto do próprio Kaczynski.

primitivista, inexistentes – que guiariam cientistas e justificariam os seus estudos. O livro, igualmente, traz oito novos apêndices que auxiliam no fortalecimento e esclarecimento de vários argumentos desenvolvidos no decorrer do manuscrito. Os apêndices em questão versam sobre tópicos tais como o sistema democrático e suas complexidades, progresso tecnológico e depressão, vontade humana e seleção natural entre as sociedades, o conflito entre a aderência a grupos sociais tradicionais e o processo de modernização em múltiplas culturas, a falta de segurança nas soluções tecnológicas propostas para a eliminação de resíduos radioativos, entre outros. Além disso, a quantidade e a extensão das notas de elucidação e consolidação argumentativa empregadas ao longo de toda a obra foram significativamente expandidas. Todos esses elementos aliados às correções, reformulações e ampliações textuais resultam em um título coeso, dinâmico e logicamente robusto, o qual mostra-se como um inequívoco avanço frente suas encarnações anteriores.

É fascinante notar que, no coração das teses kaczyńskianas, se encontram conceitos com os quais os filósofos estão muito bem familiarizados, tais como dignidade, autonomia e liberdade. Embora Kaczyński não ofereça definições mais aprofundadas para esses conceitos, a sua simples adoção pode, na mesma medida, tanto fortalecer quanto enfraquecer o pleito antitecnológico. Tomemos, por exemplo, a ideia de ‘dignidade’. Ao reivindicar uma posição antitecnológica tendo por fundamento a manutenção da dignidade humana, Kaczyński lança mão de uma perspectiva com a qual poucos discordariam. De fato, uma das grandes consequências do recente advento de inteligências artificiais ultrassofisticadas tem sido, precisamente, a preocupação ética com o impacto dessas novas tecnologias na existência humana como um todo. Nesse contexto, a posição do pensador norte-americano certamente seria bem recebida por muitos.

Por outro lado, a argumentação desenvolvida Kaczyński não reivindica a mera regulamentação de certas tecnologias, mas sim o completo desmantelamento da sociedade industrial. E é exatamente aqui onde a noção de dignidade humana e a abordagem antitecnológica podem divergir. Consideremos o caso da saúde pública: inúmeras tecnologias médicas são concebidas tendo em vista a outorga de um tratamento digno e compassivo aos pacientes. A aceitação dos argumentos de Kaczyński incorreria, por exemplo, na rejeição total de tratamentos hospitalares. Paradoxalmente, o preço da dignidade seria uma alta taxa de mortalidade. Embora trate-se de uma implicação contraintuitiva, o primitivista poderia muito bem aceitá-la e responder que tal cenário ainda é preferível à alternativa: um mundo industrializado onde tantos outros elementos constitutivos de uma boa vida (i.e., liberdade, autonomia, florescimento etc.) são sistematicamente desconsiderados e/ou violados. Independentemente de qual seja a solução para esse complexo dilema, o fato é que a investigação de propostas como a de Kaczyński nunca se mostrou tão necessária e urgente como agora.

Talvez possamos concluir a presente resenha com um breve comentário sobre o tomo restante de *Technological Slavery*. A finalização da escrita do segundo e último volume da obra foi anunciada no site da editora Fitch & Madison logo após o falecimento

de Kaczynski, em junho de 2023.² Embora a data de lançamento ainda não tenha sido determinada, a Fitch & Madison reiterou o seu compromisso em publicar o texto de acordo com os desejos do pensador norte-americano. Enquanto aguardamos pelo lançamento oficial, a edição revisada e ampliada será mais do que o suficiente para problematizarmos os grandes males da sociedade tecnológica e nos prepararmos para o devido fechamento da instigante *oeuvre* kaczynskiana.

Referências bibliográficas

KACZYNSKI, T. J. *A sociedade industrial e seu futuro*. Tradução de Ruy C. Mayer. São Paulo: Baraúna, 2014.

KACZYNSKI, T. J. *Technological Slavery: The collected writings of Theodore J. Kaczynski*, a.k.a. “The Unabomber”. Port Townsend: Feral House, 2010.

KACZYNSKI, T. J. *Technological Slavery*. Vol. 1. Revised and expanded edition. Scottsdale: Fitch & Maddison, 2019.

KACZYNSKI, T. J. *The road to revolution*. Vevey: Éditions Xenia, 2008.

2 Maiores informações estão disponíveis em: <https://fitchmadison.com/theodore-j-kaczynski-1942-2023/>. Acesso em: 08 de maio de 2024. Detalhes adicionais sobre o segundo volume de *Technological Slavery* podem ser encontrados em: <https://fitchmadison.com/product/technological-slavery-volume-two-tbdtheodore-john-kaczynski/>. Acesso em: 08 de maio de 2024.
